

# LINGUAGEM NEUTRA: APLICAÇÕES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Liara Oliveira Magalhães<sup>1</sup>  
Jorge Alves Santana<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o uso de linguagem neutra como pronomes de tratamento e na própria construção literária de narrativas contemporâneas escritas por autores transvestigêneres. Como o uso da linguagem neutra se estrutura dentro de uma narrativa e quais são as opções de uso para uma linguagem neutra e inclusiva são objetivos específicos deste artigo. Os trabalhos analisados: A gravidade de Júpiter, de Ariel F. Hitz e o conto “A Máscara”, escrito por Alice Priestly e presente na antologia Subversives, de organização de Daniele Cavalcante são ambos trabalhos que dialogam com o leitor jovem-adulto e que fazem uso da linguagem neutra no tratamento de suas personagens. Para a realização deste trabalho, a ideia do Bildungsroman queer, em especial, as reflexões de Jorge Alves Santana (2009) e Meredith Miller (2019) serão utilizadas para descrever as obras aqui analisadas. Teóricos como Judith Butler (2003) e Alef de Oliveira Lima (2021) serão utilizados para discutir transgeneridade e também a questão da disforia como marcador de experiência transvestigênera e a pesquisa realizada por Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva, Waldez Cavalcante Bezerra e Sandra Bomfim de Queiroz (2015) será utilizada para discutir as questões de exclusão social que as pessoas transvestigêneres sofrem durante sua vida e a importância que a representação e inclusão dentro da literatura daquelas que utilizam-se da linguagem neutra para se identificarem tem na formação social de cidadão e para a garantia de dignidade e existência dessa parcela da população.

**Palavras-chave:** Linguagem neutra, literatura trans, literatura travesti, Ariel F. Hitz, Alice Priestly.

1 Orientador, Mestrando Programa de Pós-Graduação Faculdade de Letras, Letras Linguística da Universidade Federal de Goiás – UFG, liaraoliveira@proton.me

2 Professor doutor, titular, de – UFG, jorgeufg@bol.com.br.

## INTRODUÇÃO

Há uma evidente dificuldade de conceitualizar o que seria, de fato, o *Bildungsroman*. Contudo, os trabalhos de Wilma Patrícia Maas (2000), Karl Morgenstern (1988) e em especial os de Larissa Cruvinel (2004) e Jorge Alves Santana (2008) nos ajudam a criar uma conceitualização contemporânea de um termo que é historicamente tão complexo: este trabalho, portanto, aceita e trabalha em cima da definição de que o *Bildungsroman* é uma narrativa que descreve o arco de desenvolvimento de um personagem que passa por uma evolução (ou até mesmo involução) pessoal, espiritual e física, sem que esse processo esteja atrelado ao *zeitgeist*, ou seja, sem que este processo de evolução (ou involução) esteja atrelado ao que se espera do processo de desenvolvimento de um personagem. Aqui não há mais a necessidade de que o personagem termine sua narrativa como um perfeito exemplo do espírito de sua época. É importante pensar no personagem como ao mesmo inserido neste mundo, deslocado da obrigação de fazer parte dele. O que não significa dizer que o personagem não possa se adequar àquela realidade e aquele mundo, é apenas dizer que já não há mais a obrigação de que ele o faça.

É uma associação fácil de ser feita do *Bildungsroman* com as narrativas de *Young Adult*, em especial as narrativas LGBTQIAP+, um conceito que Meredith Miller (2019) chama de *Bildungsroman queer*, no qual esse processo de desenvolvimento do personagem é intrinsecamente ligado a sua descoberta e/ou aceitação de uma sexualidade ou gênero que estejam fora da matriz heterossexual que Butler (2003) discute e que tenho preferência por chamar de matriz cisheterossexual.

Primeiramente, o que é o *Young Adult*? Daniela Maria Segabinazi e Severino Rodrigues descrevem o YA, sigla comumente utilizada para *Young Adult* como:

Esses livros, predominantemente enquadrados no gênero romance, apresentam, a priori, características, temáticas e linguagem que parecem se distanciar do que a crítica e a escola têm valorizado ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, se aproximado mais dos anseios literários dos jovens leitores. (RODRIGUES; SEGABINAZI, 2021, p. 195)

Para qualquer um que acompanhe discussões sobre literatura em redes sociais, em especial o *Twitter*, sejam eles escritores, leitores, professores, estudiosos ou apenas usuários sem envolvimento com o estudo da literatura, esbarrar em comentários como a escola distancia os alunos da leitura apresentando

livros clássicos e canônicos da literatura brasileira, como livros de Machado de Assis e Clarice Lispector e sempre sugerem livros YA como uma alternativa para acordar nas crianças a vontade de consumir literatura.

Embora grandes sagas que se encaixariam no conceito, sim, conceito, de YA, pois é isto que ele é, um conceito: o YA pode ser ser romântico, de terror, de comédia. O gênero não interfere no formato e vice-versa, exceto, é claro, pela linguagem mas adolescente, juvenil e até mesmo simplificada utilizada na narrativa, terem sido responsáveis diretas e indiretas pela formação de incontáveis leitores, esta reclamação desconsidera o fato de que literatura não é apenas entretenimento: é também uma área de estudos, é história, sociologia, filosofia, política e muitas outras áreas do interesse científico e do pensar humano em formato lírico, poético e narrativo:

Willian Eduardo Righini de Souza (2020), em pesquisa empírica realizada em um clube de leitura para adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública federal em São Paulo faz o seguinte comentário:

Pesquisas no Brasil e em outros países ocidentais têm revelado um quadro menos pessimista: ainda que com variações, há, na atualidade, até mesmo uma tendência positiva nas práticas de leitura dos adolescentes. Os jovens não leem apenas mais do que os mais velhos como se verifica uma pequena melhora nessa faixa etária na comparação com o passado recente. Porém, não são os clássicos exigidos na escola os procurados para leitura, mas títulos juvenis contemporâneos. Assim, confirmamos que há um descompasso entre aquilo que se lê na escola e em casa. Com a preocupação de formar leitores, surgem questionamentos de se a escola deve continuar insistindo na leitura de clássicos, já que, a primeira vista, eles afugentam os adolescentes do mundo dos livros. (SOUZA, 2020, p. 147)

Italo Calvino nos relembra:

E se alguém objetar que não vale a pena tanto esforço, citarei Cioran (não um clássico, pelo menos por enquanto, mas um pensador contemporâneo que só agora começa a ser traduzido na Itália): “Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. ‘Para que lhe servirá?’, perguntaram-lhe. ‘Para aprender esta ária antes de morrer’ “. (CALVINO, 1993, p. 16)

São sim, importante as árias, mas também é importante considerar que literatura é, também, entretenimento. E quando estamos falando de uma literatura voltada para um público em formação, principalmente um público LGBTQIAP+ que não se vê representado nestes clássicos e que precisa dessa representação não apenas como confirmação de lugar de mundo, mas também para construção de identidade e reafirmação de possibilidade de existências, o YA, bem como o *Bildungsroman queer* são fundamentais para que estes leitores se encontrem, se entendam e principalmente, se vejam representados no mundo e na arte, uma ideia que se encaixa perfeitamente naquilo que Miller (2019) define como o *Bildungsroman queer*:

Bildungsromans gays e trans certamente estão vivos, especialmente no mercado de ficção Young Adult, tão faminto por narrativas de desenvolvimento estruturalmente unificadas. De fato, os protagonistas queer parecem sujeitos privilegiados para a ficção Young Adult em inglês na segunda década do século XXI, onde, produzidos por autores identificados tanto como queer e heterossexuais, eles representam a dinâmica de alienação/incorporação de forma mais geral. Novamente, esta é uma expressão adicional da centralidade do eu queer para as atuais noções ocidentais do correto eticamente. A nova e mais próxima relação entre sujeitos queer e identidades nacionais significa que os sujeitos do Bildungsroman queer funcionam muito como o jovem artista ou empreendedor emergente no Bildungsroman do século XIX. Eles foram incorporados como novos significantes do triunfo do pertencimento sobre a adversidade que é a relação mítica entre indivíduo e Estado-nação. (MILLER, 2019, n.p. tradução minha)

O *Bildungsroman queer* privilegia narrativas LGBTQIAP+ escritas e protagonizadas por pessoas que se encaixam nestas nomenclaturas e fogem daquilo que Judith Butler define como matriz heterossexual e que aqui tomo emprestado adicionando o cis ao termo, tornando-o matriz cisheterossexual não para adicionar o componente de gênero na definição de Butler, afinal ele já está presente nela, mas para adicionar o componente cisgênero e afastá-lo de qualquer transvestigeneridade, um afastamento naturalmente óbvio mas que busco reforçar e evidenciar:

Uso o termo matriz heterossexual ao longo de todo o texto para designar a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Busquei minha referência na noção de Monique Wittig de “contrato heterossexual” e, em menor medida, naquela de Adrienne

Rich de “heterossexualidade compulsória” para caracterizar o modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade. (BUTLER, 2003, p. 108).

Naturalmente, um grupo marginalizado acaba por desenvolver suas próprias regras de convivência e principalmente de sobrevivência. A linguagem não foge disso, como por exemplo o pajubá, uma língua definida por Amara Moira, escritora, putafeminista, ativista e doutora em teoria literária pela Unicamp como:

Essa língua se formou a partir do iorubá utilizado por religiões de matriz africana, ao qual por muitas décadas recorremos para nos comunicar sem que quem seja de fora entendesse (“pajubá”, por sinal, significa “segredo”, em iorubá). No entanto, visto que essa comunidade é marcada pela migração, cada vez mais a língua vem se expandindo, incorporando agora tanto expressões dos mais variados cantos do Brasil, quanto palavras dos idiomas de países onde há uma presença marcante de travestis brasileiras (como Itália, Espanha e França, por exemplo). Um caldeirão linguístico, portanto, no qual se encapsula a própria história do Brasil. (MOIRA, 2021, n.p.)

A linguagem neura não foge dessa necessidade de um grupo que não tem representação dentro da matriz cisheterossexual de se comunicar e principalmente de se identificar dentro de um sistema que, gramaticalmente, historicamente, socialmente e politicamente é feito para a exclusão destas pessoas, como indica a pesquisa realizada por Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva, Waldez Cavalcante Bezerra e Sandra Bomfim de Queiroz:

Não encontrando espaço no contexto familiar para expressarem sua identidade de gênero, entram em contato com novas perspectivas de vida e começam a surgir outros sofrimentos, marcados por agressões físicas e psicológicas, histórias de discriminação e exclusão. Esse processo de exclusão se desenvolve como ondas, propagando-se da família para a comunidade, desta para escola, para os serviços de saúde e demais espaços e contextos de relações com que essas

peças venham a interagir (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015, p. 368)

Não é intenção deste trabalho traçar uma linha histórica do surgimento da linguagem neutra, menos ainda esgotar as discussões sobre as possibilidades de aplicação que a linguagem neutra tem dentro da língua portuguesa, nem da constante evolução que a linguagem neutra apresenta. O objetivo deste trabalho é identificar o uso da linguagem neutra em obras de literatura brasileira contemporânea, na construção da identidade dos personagens dessas obras e dessas narrativas.

Portanto, tanto para a análise quanto para a compreensão da linguagem neutra exibida no *corpus*, o trabalho de Gione Caê e seu *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa* (2020) serão nossos pilares essenciais. Em pouco mais de vinte páginas, Caê, que se define como pessoa trans não-binária e preto nos apresenta conceitos e utilizações importantes da linguagem neutra. Em primeiro lugar, tece a diferenciação entre linguagem neutra e linguagem inclusiva, sendo a primeira uma maneira de evitar demarcação de gênero na construção da fala e da escrita, enquanto a segunda visa não demarcar o binarismo de gênero, mas não flexiona adjetivos ou pronomes. Um exemplo de linguagem neutra seria dizer “Elu é trabalhadore”. A mesma frase em linguagem inclusiva seria dita “Aquela pessoa é trabalhadora.”

Caê também comenta que intervenções que outrora foram pensadas como inclusivas, como o uso de X ou @ no lugar de demarcadores de gênero, como “amigxs” ou “amig@s” podem parecer inclusivas, mas:

é uma adaptação que “funciona” apenas na modalidade escrita da língua, pois na modalidade oral torna-se impronunciável. Dificulta também o acesso de pessoas cegas, surdas, com TEA (transtorno do espectro autista) e dislexia àquele conteúdo, isto porque os softwares usados para auxiliar na leitura de textos não reconhecem essas palavras com marcadores “x” e “@”, ou seja, ao invés de incluir, exclui. (CAÊ, 2020, p. 8)

O restante do manual é recheado de exemplos de como usar os diversos sistemas de pronomes de linguagem neutra, afinal não existem apenas os mais comumente utilizados, como elu/delu, mas diversos outros como ile/dile; ilu/dilu; el/dels e incontáveis outros sistemas que surgem, se modificam e se solidificam com o uso, principalmente em redes sociais, provando mais uma vez o

organismo vivo que a língua é. Caê inclusive elabora uma tabela para melhor visualização desses sistemas:

Imagem 5 – Tabela

Tabela com os pronomes em todos os sistemas

Pronomes	Sistema Elu	Sistema Ile	Sistema Ilu	Sistema EI
Ela/Ele	Elu	Ile	Ilu	EI
Elas/Eles	Elus	Iles	Ilus	Els
Dela/Dele	Delu	Dile	Dilu	Del
Delas/es	Delus	Diles	Dilus	Dels
Nela/e	Nelu	Nile	Nilu	Nel
Nelas/es	Nelus	Niles	Nilus	Nels
Aquela/e	Aquelu	Aquile	Aquilu	Aquel
Aquelas/es	Aquelus	Aquiles	Aquilus	Aquels

Fonte: Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa (2020), de Gione Caê, página 20.

## METODOLOGIA

É Tzvedan Todorov (2006) que descreve a pesquisa como a descrição do funcionamento do sistema literário e a análise dos seus elementos, evidenciando assim suas leis e a relação entre esses elementos. Partindo desse pressuposto, este projeto é um trabalho de análise do *corpus* escolhido, o livro *A gravidade de Júpiter*, de Ariel F. Hitz e o conto “A Máscara”, escrito por Alice Priestly e presente na antologia *Subversives*, de organização de Daniele Cavalcante, evidenciando como a linguagem neutra faz parte da narrativa e da identidade dos personagens das histórias.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em ambas as obras há a utilização da linguagem neutra de forma muito natural, em especial em “A Máscara”, de Alice Priestly, onde o uso nunca é questionado e a própria personagem principal alterna entre pronomes neutros e femininos.

Podemos observar a utilização da linguagem neutra em passagens como as seguintes: “A loja, inclusive, ostenta uma personalidade própria que, além de sarcástica e ácida, é hostil à maioria dos clientes, em especial aos mais próximos do meu avô.” (PRIESTLY, 2022, posição 183); “É mascarade se sentou sobre uma das poltronas, aguardando a conclusão de seu pedido – por mais

que eu repetisse mais de uma vez que levaria quase um dia inteiro para que o finalizasse.” (PRIESTLY, 2022, posição 204); “Também percebi que Nuri, a loja, estava atipicamente serena — quase pacata — graças à chegada daquele visitante inusitado. “Atípico”, analisei.” (PRIESTLY, 2022, posição 208); “Nossa relação, na prática, se aproximava de um contato familiar — como a de uma avó e uma nete.” (PRIESTLY, 2022, posição 212); “— Queride, cê tem aquela pomada para cãibras, de cheirim forte? Mas só um cadinho, não precisa ser muito não. A minha acabou e vai que amanhã nós precisa, num é?” (PRIESTLY, 2022, posição 217); “— Ah... tudo bem. Bom que eu te trago uns pão de queijo. E tu sabe que não precisa de tanta educação. Para ti é vó Rosa ou só Rosa, mi queride! — exclamou, retornando à porta.” (PRIESTLY, 2022, posição 225).

O uso da linguagem neutra continua em passagens mais longas, como em:

A tranquei por conta própria, peguei a maleta de meu avô e me despedi de mascarade.

Ao caminhar em direção aos fundos da loja, elu se ergueu de prontidão, numa tentativa óbvia de alcançar meu encaço — e, não minto, é senti quase como minha própria sombra. O nervosismo dominou minhas ações e, num impulso, me lancei sobre a porta dos fundos, trancando-a, sem que houvesse chance de ser reaberta. (PRIESTLY, 2022, posição 234)

E retorna a usos mais corriqueiros logo depois: “Cogitei, por um segundo, que, talvez, meu avô estivesse tentando me assustar de alguma forma — aliás, ele adorava pregar peças nes outros.” (PRIESTLY, 2022, posição 225) e em “Acreditei, por um milésimo, que havia sido abandonade à morte nas mãos daquele monstro.” (PRIESTLY, 2022, posição 261).

Durante a narrativa a utilização e a preferência por pronomes neutros em situações onde, corriqueiramente, palavras como “aos” ou “daquele” seriam utilizados jamais é explicada ou justificada. O texto de Priestly toma a linguagem neutra como pilar e constrói sua narrativa ao redor dos sistemas de pronomes que Caê nos explicou anteriormente. A linguagem neutra é, inclusive, utilizada, para não levantar questionamentos ou suposições sobre os gêneros des personagens. Inclusive, em duas situações é personagem principal utiliza pronomes femininos para falar de si mesma: “Atravessei o quintal, sob a chuva, e, boquiaberta, fui surpreendida por aquela mesma figura.” (PRIESTLY, 2022, posição 252) e “Corri, sendo, contudo, impedida pela própria criatura, que se assegurou de lançar estilhaços em meus tornozelos.” (PRIESTLY, 2022, posição 265).

Essa troca de pronome suscita uma possibilidade de que é personagem utilize ou mais de um sistema de pronomes ou seja uma personagem de gênero fluido. Como a ideia da linguagem neutra é justamente remover a ideia de gênero do texto, respeito aqui a intenção da autora em não supor possibilidades de gênero de sua personagem e apenas retratá-la como é: uma personagem que se utiliza de pronomes neutros e femininos.

Em *A Gravidade de Jupiter*, o autor Ariel F. Hitz abre o livro com a seguinte dedicatória: “Para todos aqueles que se sentirem representados” (HITZ, 2019, posição 4). Embora durante a narrativa não exista um uso mais extensivo da linguagem neutra durante a narrativa, há importantes momentos, como o uso de linguagem inclusiva nas tentativas de A. de não utilizar pronomes femininos para falar de si mesma, mesmo estando mais confortável com eles: “Queria ser linda lindo atraente assim.” (HITZ, 2019, posição 187). Lembrando que a narrativa é construída como diário, imaginamos que A. primeiro utilizou o pronome feminino, sentiu-se ainda não acostumada à ideia, utilizou o pronome masculino, pronome que não se sente confortável com e, por fim, acabou por escolher uma palavra que não flexionava gênero. De maneira quase metalinguística, e um ótimo exemplo do uso da linguagem inclusiva e também de seu processo de utilização por escritories.

Há inclusive, em certa cena, uma certa confusão de um dos personagens cisgêneros quando um personagem não-binário começa a utilizar diferentes pronomes em diferentes dias. Essa confusão é rapidamente resolvida e estes pronomes são prontamente respeitados, embora o personagem cisgênero ainda apresente um certo receio de errar o pronome do dia e machucar o amigo. O que não é, *necessariamente*, o uso de uma linguagem neutra, visto que tal personagem, Raví, se identifica como não-binário e agênero e utiliza pronomes masculinos e femininos. No entanto, é um exemplo ilustrativo que para além da neutralidade da linguagem ser importante para a garantia da existência e do respeito às identidades fora da matriz cisheterossexual, a fluidez em relação à linguagem também o é.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Alef de Oliveira Lima, antropólogo que pesquisa transgeneridade e educação, discorre sobre a disforia e seu uso como demarcador da identidade trans:

A problemática da disforia enquanto marcador de uma rede de identificação entre sujeitos Trans contém uma poderosa forma de “performatividade” (apud Butler, 2003) das relações de gênero. Principalmente quando se percebe, pelas

colocações vistas até aqui, que a disforia fornece um campo afirmativo de reconhecimento social. Essa identidade Trans produzida e tensionada por esse aspecto se traduz também em uma cobrança íntima por um bem-estar corporal e político. A questão, a rigor, de modo ainda um pouco superficial, seria: de que modo estabelecer uma identidade Trans e fazer, assim, parte de um grupo social? A luta social não aparece como um obstáculo ao vislumbre de pertencimento, mas uma perspectiva a ser integrada a outra matriz de identidade, agora não pautada pelo lastro da anatomia heteronormativa. (LIMA, 2021, p. 42)

Este bem-estar mencionado perpassa por diversas áreas como reconhecer o próprio gênero, a maneira como se é lide socialmente e como isso interfere e constrói a personalidade destes personagens.

Como Marcos Bagno afirma, “a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação” (BAGNO, 1999, p. 116)”. Tentar frear mudanças inevitáveis, principalmente quando elas se tratam de mudanças políticas pela visibilidade de identidades marginalizadas é, historicamente, o lado dos perdedores. Aos poucos, a linguagem neutra é cada vez mais utilizada em livros autopublicados e também em livros de editoras tradicionais. É uma mudança necessária, importante e urgente para abarcar identidades que sempre tiveram suas vozes e existências negadas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, Como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CAÊ, Gione. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa,** 2022. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/341736329\\_Manual\\_para\\_o\\_uso\\_da\\_linguagem\\_neutra\\_em\\_Lingua\\_Portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa)>. Acesso em 15 maio 2022.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **O Bildungsroman e o processo de aprendizagem em obras de Lygia Bojunga Nunes.** 2004. Dissertação de Mestrado. Goiânia, Goiás – UFG.

HITZ, Ariel F. **A gravidade de Júpiter.** Livro digital, 2019.

LIMA, A. O. **Tristeza, disforia e bem-estar:** Perspectivas etnográficas sobre a escolarização de Pessoas Trans. Campos - Revista de Antropologia, v. 22, p. 33-48, 2021.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo. O Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: UNESP, 2000.

MILLER, Meredith. **Lesbian, gay and trans Bildungsromane.** In: GRAHAM, Sarah. **A history of the Bildungsroman.** Cambridge: Cambridge University Press, 2019, n.p. Disponível em <<https://www.cambridge.org/core/books/history-of-the-bildungsroman/lesbian-gay-and-trans-bildungsromane/21350520C-C3BE15A1C38CA6D99EA6C41>>. Acesso em 17 maio 2022.

MORGENSTERN, K. **Über das Wesen des Bildungsromans.** In: SELBMANN, R. **Zur Geschichte des deutschen Bildungsromans.** Tradução de Wilma Patrícia Maas. Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft, 1988. p.55-72.

PRIESTLY, Alice. A máscara. In: **Subversives.** Espírito Santo: Editora Triquetra, 2022. Org. Daniele Cavalcante. E-book.

RODRIGUES, Severino; SEGABINAZI, Daniela. **Literatura juvenil e/ou literatura Young Adult:** duas faces da mesma moeda? e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v.12, n.º 2, 2021.

SANTANA, J. A. **Romance de formação e o caso do Künstlerroman.** Signótica, v. 15 n.1, 2008, p.35–51.

SILVA, R. G. L. B. Da; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, v. 26 n. 3, 2015, p. 364-372.

SOUZA, W. Por que ler os clássicos na escola? Observações a partir de um clube de leitura para adolescentes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, América do Norte, v. 17 n. 49, 2020. Disponível em <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/4182/47966882>> Acesso em 4 nov. 2022